

# Maquiavel lido pelo último Althusser: materialismo aleatório e um chamado para a ação política

Angelo Remedio Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo procura analisar, a partir da leitura da obra de Maquiavel, a influência deste no pensamento do filósofo marxista francês Louis Althusser em seus últimos escritos onde o autor desenvolve a teoria do *Materialismo Aleatório*. Seria este um materialismo de caráter não teleológico, ainda presente no materialismo dialético, o qual para Althusser acaba por se colocar como um materialismo da necessidade. Segundo o autor, o primado das relações sociais e a possibilidade de transformação dessas se encontra na luta de classes – na *práxis* política. Buscamos realizar esta análise principalmente a partir da leitura de *O Príncipe de Maquiavel* e de textos de Althusser da última fase de sua vida, notadamente *A Corrente Subterrânea do Materialismo do Encontro* e *Machiavelli and Us*.

**Palavras-Chave:** Maquiavel; Althusser; materialismo aleatório.

**Abstract:** The present paper intend to analyze, based on the reading of the work of Machiavelli, his influence in the thought of the French Marxist philosopher Louis Althusser in his last writings where the author develops the theory of *Aleatory Materialism*. This would be a non-teleological materialism, still present in dialectical materialism, which for Althusser ends up being a materialism of necessity. According to the author, the primacy of social relations and the possibility of their transformation lies in the class struggle - in political *praxis*. We seek to execute this analysis mainly from reading *The Prince of Machiavelli* and Althusser's last texts, specially *The Underground Current of the Materialism of the Meeting* and *Machiavelli and Us*.

**Keywords:** Machiavelli; Althusser; aleatory materialism.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: angeloremedioneto@gmail.com.

## 1. Introdução

Os textos clássicos de ciência política podem ser lidos como fundadores de uma linhagem de pensamento, em suas nuances, diferenças e similitudes, a fim de determinar sua influência na formação política e intelectual do mundo ocidental contemporâneo. Célebres trabalhos foram realizados sobre a obra de Maquiavel, tratando do pensamento do autor ou de maneira mais ampla do contexto em que escrevia. Notável, neste sentido, tem sido o trabalho do historiador inglês Quentin Skinner, que em alguma medida nos auxiliará para um aprofundamento no pensamento político do autor florentino, inserindo-o em seu contexto histórico.

Para além disso, entretanto, uma leitura de Maquiavel realizada na segunda metade do Século XX particularmente nos interessa e nos remete à atualidade da obra do autor. Seria a leitura realizada por Louis Althusser (1918-1990), filósofo marxista de origem franco-argelina, em seus últimos escritos, notadamente *A Corrente Subterrânea do Materialismo do Encontro* de 1982 e *Machiavelli and Us*, editado postumamente já na década de 1990. Nesses escritos Althusser desenvolve o que viria a chamar de Materialismo Aleatório – também denominado materialismo do encontro, ou “da pega”.

Afirma, Althusser, a existência de uma tradição materialista quase completamente ignorada da história da filosofia: o “materialismo”<sup>2</sup> do encontro, que seria:

[...] um *materialismo do encontro*, portanto, do aleatório, da contingência, que se opõe, como pensamento totalmente outro, aos diferentes materialismos recenseados, inclusive o

---

<sup>2</sup> Althusser utiliza a expressão *materialismo* sob aspas de maneira proposital, ao buscar o diferenciar do materialismo até então veiculado ao pensamento marxista – o materialismo dialético – que segundo Althusser acabaria por incorrer em um materialismo teleológico e, portanto, historicista e idealista.

materialismo correntemente atribuído a Marx, Engels e Lenin, o qual, como todo materialismo da tradição racionalista, é um materialismo da necessidade e da teleologia, isto é, uma forma transformada e disfarçada de idealismo (ALTHUSSER, 2005, p. 9).

Como veremos neste trabalho, no pensamento do que poderíamos chamar de ‘último Althusser’ – onde essa nova concepção materialista é trabalhada –, haverá grande influência de Maquiavel, notadamente de sua obra *O Príncipe*. Como afirma Ross Speer, Althusser “encontrou recursos no pensamento de Maquiavel para o desenvolvimento de um marxismo não determinista que enfatizasse o papel da prática política como transformadora na transição entre distintas formas sociais” (SPEER, 2016, p. 1, tradução do autor). No que Althusser viria a chamar como o primado da luta de classes<sup>3</sup>, a *práxis* será o local de acontecimentos do político.

O presente trabalho se dividirá em duas partes. Primeiramente, discutiremos o pensamento político de Maquiavel principalmente em sua obra *O Príncipe*, também abordando *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, tentando contextualizar o autor e sua obra. Posteriormente, buscaremos demonstrar como Althusser se utilizava do pensamento de Maquiavel na formação da teoria do materialismo aleatório, tentando compreender a atualidade do autor como um chamado à ação política.

Teórico canônico no pensamento marxista ocidental, a obra de Althusser realizada em seus últimos trabalhos – “o último Althusser”

---

<sup>3</sup> Neste sentido, afirma Pablo Azevedo: “A afirmação de uma lógica relacional e aleatória do acontecimento (subordinada à tese político-filosófica do primeiro Althusser que funda o primado do encontro sobre seus termos: afirmação do primado absoluto da luta de classes) incide, no campo político, em uma recuperação da dignidade da práxis e da experiência humana como produtiva do futuro para além de qualquer teleologia mistificadora” (AZEVEDO, 2011, p. 158).

– permanece pouco explorada e estudada, e este trabalho se insere na tentativa de resgate desse momento de seu pensamento, com atenção especial à influência que Maquiavel viria aqui a exercer.

## 2. Maquiavel: pensamento político e ruptura

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença no dia 3 de maio de 1469. De origem relativamente humilde, desde cedo se destaca nos estudos e na atividade intelectual. Por este fato, ainda muito jovem é chamado a ocupar cargo na chancelaria da República de Florença – que viria ali a ser um hiato entre monarquias. Este cargo resulta do fato que desde muito cedo já demonstrava Maquiavel habilidades diplomáticas e um alto grau de competência nas chamadas disciplinas humanistas (SKINNER, 2012, p. 23). No início de sua atividade na chancelaria passa a se dar conta da fragilidade do governo a que servia – uma República. É neste momento, como observador e assessor do governo da época que terá sua mais intensa formação na diplomacia (*Idem*, p. 24).

Desde cedo lidará com um grave problema na conjuntura em que está inserido, que virá a ser de grande impacto em toda sua obra. De um lado, viverá em uma Itália enfraquecida, dividida, que apenas lembrará grandes feitos do passado romano. De outro, se depara com França e Espanha se organizando em Estados Nacionais – monarquias absolutas –, fato que a seu juízo aumenta a fragilidade da Itália, e de sua cidade – Florença – perante estes países. Desde cedo, portanto, se deparará com um problema concreto a que buscará dar resposta. É necessário fundar um Estado Nacional italiano.

As primeiras lições que alimentaram sua obra – escrita posteriormente – vieram justamente de sua atividade diplomática. Entre as primeiras lições que tirou, ao observar líderes políticos, se encontra a falta de flexibilidade destes em face da situação real e concreta – situação que é variável. Nenhum dos líderes então analisados se deu

conta de que sua personalidade deveria se adequar às exigências do tempo, e não o contrário (SKINNER, 2012, p. 32).

Com a queda da República de Florença e o retorno dos Médici ao poder, o destino de Maquiavel acompanha o destino da jovem república a que serviu. Preso por um breve período – chegando a ser torturado – busca, já em liberdade, uma maneira de retornar à atividade política. Retirado em sua propriedade, passa, pela primeira vez, a contemplar a cena política mais como analista do que como participante (SKINNER, 2012, p. 32). Daí resulta sua célebre obra *O Príncipe*, datada de 1513, e, posteriormente *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* e *A Arte da Guerra*, publicadas em 1521.

Em *O Príncipe*, após uma enumeração dos tipos de principados existentes nos capítulos iniciais – I a III –, volta sua atenção ao que será central em sua obra, os principados novos, que poderiam ser totalmente novos ou membros acrescentados a um Estado que um príncipe adquire por herança. E continua afirmando que “estes domínios assim adquiridos são, ou acostumados à sujeição a um príncipe, ou são livres, e são adquiridos com tropas de outrem ou próprias, pela fortuna ou pelo mérito” (MAQUIAVEL, 1983, p. 5). Pela própria miséria e corrupção que se encontra a Itália quando escreve, apesar de mais destacados serem os dirigentes que chegam ao poder por meio da *virtú*, estudará majoritariamente os que chegaram ao poder pelo meio da Fortuna ou com auxílio de armas estrangeiras (SKINNER, 2012, p. 35).

Nos mostra Skinner que com o advento da era cristã a análise clássica da Fortuna foi totalmente subvertida, sendo negado qualquer poder de influência sobre esta. Desta feita, seus bens passam a ser vistos como indignos enquanto meta da vida dos indivíduos (SKINNER, 2012, p. 44). Se no pensamento clássico a Fortuna era considerada uma deusa, gênero feminino, que poderia ser dominada e controlada pelo indivíduo virtuoso, no pensamento cristão, seu símbolo se torna a roda, indiferente à ação e desígnios humanos.

Maquiavel, entretanto, fará parte de um momento muito particular de recuperação dos valores clássicos com o Renascimento,

e terá uma outra análise sobre a Fortuna. Demonstrará no penúltimo capítulo de *O Príncipe* – XXV – intitulado *De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhe*, que a despeito de a filosofia cristã acreditar ser aquela governada por Deus, sendo as coisas imutáveis, e a ação dos homens inútil, sua discordância em relação a esta opinião, afirmando que “penso poder ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar quase a outra metade” (MAQUIAVEL, 1983, p. 103). O seu poder, continua, será “manifesto onde não há resistência organizada” (*Idem*), que seria, justamente, a situação da Itália no momento em que escrevia. Voltando à concepção clássica, caberá a *virtú* controlá-la. Como diz Skinner, aqui Maquiavel “enxerga a efetiva possibilidade de que o homem se faça aliado da Fortuna, aprenda a agir em harmonia com seus poderes” (SKINER, 2012, p. 46).

Podemos ver aqui, em Maquiavel, uma clara ruptura com o pensamento filosófico tradicional, ao enfatizar a ação humana como possível de influenciar a Fortuna. Ao colocar a *virtú* com capacidade de domá-la. Ação – práxis – que poderia ser vista como inútil, desnecessária, impotente, passa a ocupar um papel central em seu pensamento.

Há também uma ruptura, em Maquiavel, de um pensamento teleológico de mundo. Os homens, o Estado, não necessariamente já possuem um caminho traçado, ou um bom fim em si mesmo. A tradição cristã se apropria do pensamento de Aristóteles no fortalecimento de uma concepção teleológica de mundo. Fica claro quando nos mostra João Quartim de Moraes:

Aristóteles distingue, pois aqui: (a) o que ocorre por necessidade; (b) o que ocorre por acidente; (c) o que corresponde à finalidade inscrita na forma natural, sustentando que a finalidade imanente dos órgãos dos vivos (em seu exemplo, a especialização dos dentes em incisivos molares) não se explica, no essencial, pelo

aquecimento ou resfriamento ou por quaisquer outras causas *materiais*, nem, menos ainda, pelo acaso e sim pelo *telos* imanente de sua forma natural. Os efeitos do *telos* sobre a matéria são irreduzíveis aos efeitos causais da necessidade (MORAES, 2012, p. 01).

O fim político – a transformação, no caso de Maquiavel, a fundação de um estado nacional italiano – precisa ser construído a partir da verdade efetiva das coisas – da conjuntura – e não de uma análise idealista. Como coloca Maquiavel, se faz necessária uma análise efetiva das coisas. Ele está aqui se distanciando da tradição que por muito tempo tratou as questões políticas a partir de uma suposta essência para buscar uma transformação pautada na realidade e nas condições reais e materiais. Não estamos mais lidando com leis da história ou da política, analisadas sob um ângulo puramente mítico (ALTHUSSER, 1999a, p. 19). É neste sentido que Althusser coloca Maquiavel como testemunha na história do que chamaria de tradição subterrânea do materialismo do encontro. Em uma sociedade atomizada, onde os átomos caem em queda livre<sup>4</sup>. Trata-se de um raciocínio completamente aleatório: “a unidade será realizada se se encontrar um homem sem nome que tenha suficiente Fortuna e virtude para se instalar em algum lugar, em algum canto *sem nome* da Itália” (ALTHUSSER, 2005, p. 10).

Continuará Althusser afirmando que, para que este encontro pegue – seja durável – é necessário em primeiro lugar que ele aconteça, sendo necessário para isto um outro encontro, o da Fortuna

---

<sup>4</sup> Há aqui uma referência à “Chuva” de Epicuro. O texto “A Corrente Subterrânea do Materialismo do Encontro” de 1982 se inicia desta maneira: “Chove. Que este livro seja, então, de início, um livro sobre a simples chuva”. Explicará que em Epicuro antes da formação do mundo uma infinidade de átomos caía no vazio, não existindo qualquer sentido ou causa. Não há teleologia. A origem do mundo se deve ao *clinamen*, um desvio infinitesimal que acontece não se sabe onde, nem quando, nem como. A origem do mundo se deve a um desvio (ALTHUSSER, 2005, p. 10-11). É nesta corrente filosófica que Althusser colocará Maquiavel como herdeiro – a corrente subterrânea do materialismo do encontro.

e o da *virtú* que se encontra dentro do Príncipe. Deve-se a Maquiavel, portanto, de acordo com Althusser, uma teoria filosófica do encontro - entre a Fortuna e a *virtú*. Encontro este que pode ou não acontecer. Não há teleologia. Desta feita, nada garante que a realidade do fato consumado seja a garantia de sua perenidade. Pelo contrário, todo fato consumado é fato provisório, visto que não há eternidade nas leis que regem o mundo. A história passa a ser uma constante revogação de um fato consumado por outro (ALTHUSSER, 2005, p. 13-15).

Maquiavel, para produzir uma nova teoria da história, partirá de um novo método, um método experimental (ALTHUSSER, 1999a, p. 33), onde buscará uma comparação entre a história do presente em que escreve e da antiguidade. Elabora teses de sua teoria geral da história que necessitam de uma elucidação. Primeiramente, afirmará ser o curso natural das coisas e do ser humano imutável. Fica claro este pensamento ao afirmar que:

Quem estuda a história contemporânea e da antiguidade verá que os mesmos desejos e as mesmas paixões reinaram e reinam ainda em todos os governos, em todos os povos. [...] disto resulta que as mesmas desordens se renovam em todas as épocas (MAQUIAVEL, 1979, p. 133).

Continuará afirmando que o mundo não tem se modificado substancialmente, sempre guardando igual proporção de bem e mal, permanecendo o todo imutável, apesar das mudanças particulares que podem ocorrer devido aos costumes (MAQUIAVEL, 1979, p. 196). Segundo Althusser, essa tese é uma tese filosófica, e se Maquiavel não considerasse o mundo humano o mesmo, não teria condições de fazer comparações entre passado e presente (ALTHUSSER, 1999a, p. 34-35).

Sua segunda tese pode ser verificada no Livro I, Capítulo 6 de *Os Discursos*, ao afirmar que nada sendo permanente entre os mortais, nada é estável, sendo natural que as coisas melhorem ou piorem

(MAQUIAVEL, 1979, p. 40). Assim, tudo se encontra em uma contínua e instável mudança, sujeita a uma imprevisível necessidade, que viria a ser representada pelo conceito mítico de Fortuna (ALTHUSSER, 1999a, p. 35). A mudança é a lei. Estas duas primeiras teses podem parecer contraditórias, em um choque entre mudança contínua de um lado e uma ordem imutável, de outro. Essa contradição precisa ser solucionada. É neste momento que Maquiavel a sintetizará em uma terceira tese: uma teoria cíclica da história. O que afirmará Althusser é que, em seu funcionamento, no pensamento de Maquiavel, estas teses não trabalham de maneira antitética. Se a primeira tese passa a exercer um papel materialista da objetividade, em seu contexto, a formulação da segunda tese pode funcionar como uma determinação dialeticamente aleatória de sua objetividade. O que interessa a Maquiavel será, portanto, não o ciclo dos governos, mas um governo de tipo diferente, um governo que dure, um governo que consiga escapar de um ciclo de degeneração (ALTHUSSER, 1999a, p. 35 – 41).

Ao aconselhar os Príncipes, Maquiavel não parte de uma moral rígida, fixa, portanto. Não partirá de leis naturais, imanentes, que devem ser cumpridas. Romperá com o espelho do Príncipe, que possui princípios norteadores da ação. A política deve passar a se preocupar mais com os resultados do que com princípios que podem vir a nortear a ação. Pensa aqui não apenas no prisma dos governantes, mas também dos governados.

Em seu capítulo XV de *O Príncipe* mostra que este deve agir de acordo com as necessidades e seus objetivos, afirma que “é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo sua necessidade” (MAQUIAVEL, 1983, p. 63). Como afirma Skinner, “a chave do sucesso de um governo consiste em reconhecer a força das circunstâncias, aceitar o que dita a necessidade e adaptar sua conduta aos tempos” (SKINNER, 2012, p. 52).

### 3. Althusser leitor de Maquiavel: materialismo do encontro e primado da luta de classes

Althusser, em *Le Courant Souterrain*, de 1982, afirmará a existência de uma corrente materialista subterrânea que tem sido negligenciada pelo pensamento filosófico majoritário ocidental. Esta corrente abarcará pensadores de Epicuro a Marx, passando por Hobbes, Rousseau, Heidegger e Derrida. Inicialmente, ao falar sobre o Materialismo do Encontro, Althusser retornará à Epicuro e sua chuva. É desta maneira que inicia seu livro: “chove”. E a partir deste ponto será proposto o ‘desvio’, onde o autor parece reelaborar seu terreno de operação conceitual (AZEVEDO, 2011, p. 2), que de acordo com Azevedo atingirá seu clímax nas obras *Machiavelli and Us* (1972-1986) e justamente em *Le Courant Souterrain*.

Para Althusser, Maquiavel pensou “o materialismo do encontro através da política, ou seja, parte de uma complexa lógica relacional para poder pensar a produção de um ‘fato’ em política – um *acontecimento político*” (AZEVEDO, 2011, p. 2). Há aqui, a tentativa, por Althusser, na elaboração de um pensamento marxista não determinista, que enfatize o desenvolvimento da prática política durante a transição entre distintas formas sociais. A filosofia política de Maquiavel, recuperada por Althusser, deve intervir direto na conjuntura, no conjunto de circunstâncias, onde se desenvolve (SPEER, 2016, p. 1).

Althusser dirá que *O Príncipe* tem a função de um manifesto revolucionário, que chamará os homens à ação dentro da conjuntura. Se se considerar Maquiavel enquanto um homem de seu período, sua obra poderia perder a relevância, visto que o problema que busca resolver – a unidade nacional italiana – não é um problema real nos dias de hoje. Desta maneira, sua importância estaria apenas no campo histórico. Althusser, entretanto, inverte o curso das coisas, afirmando que há em Maquiavel uma importante descoberta teórica: a prática política (SPEER, 2016, p. 8).

O *Príncipe*, então, é um espaço vazio esperando sua inserção na ação do indivíduo ou grupo que virá e lá permanecerá. A transformação que Maquiavel procura é dependente do desenvolvimento do Príncipe ser ocupado e ter sucesso em sua ação prática. A prática política, portanto, é elevada ao primado sob a causalidade estrutural. Apenas *possibilidades* são colocadas pela conjuntura (SPEER, 2016, p. 9). Desta maneira, o materialismo do encontro de Althusser terá como primado, na sociedade contemporânea à que escreve, a luta de classes. Dirá:

Tudo o que se diz sobre a transição só pode ser uma indicação *induzida por uma tendência atual* que, como toda tendência em Marx, é contraposta a outras tendências e só pode ser realidade por meio de uma luta política. Porém, esta realidade não pode ser prevista já na sua forma positiva e determinada: é apenas no curso da luta que as formas políticas podem aparecer à luz do dia, se descobrir, tornar realidade (ALTHUSSER, 1983, p. 3).

Assim, a maneira em que Maquiavel coloca a prática política no centro de seu pensamento terá uma profunda consequência para Althusser. Negando qualquer teleologia, a nova forma social passará então a ter sua origem na prática política, e não em alguma lei imanente da história. O vazio a que fala Althusser é, então preenchido pela prática política. O *Príncipe* é um chamado à ação que convida agentes potenciais a criar algo novo (SPEER, 2016, p. 11).

Maquiavel não trata do *fato consumado*, pelo contrário, vai atrás de sua origem, de sua fundação (ALTHUSSER, 1999b, p. 33). É aqui que Althusser aponta uma das características da ‘solidão’ de Maquiavel. Não tem como ponto de partida o Estado existente e, de alguma maneira, a disputa na concepção de seus rumos. Maquiavel é um autor da *fundação do Estado*, do novo, do surgimento. Trabalha buscando a fundação de um Estado Nacional Popular italiano. Este fato nos remete a um problema que Gramsci levantará como

central, ao distinguir a pequena e a grande política<sup>5</sup>. Neste mesmo sentido, afirmará Althusser que “sendo o Estado objetivo último da luta de classes (o que é justo), tudo se passa como se a política fosse reduzida à ‘esfera’ compreendida por esse objeto” (ALTHUSSER, 1998, p. 5).

A partir da leitura de Maquiavel, Althusser, estabelecendo o primado da luta de classes, coloca a tarefa de transformação da sociedade em pensar algo novo. Partindo de Maquiavel, dará grande ênfase à *ação*. A luta de classes aqui, será o primado absoluto, fator possível de transformação da sociedade. Não há uma sociedade necessária, há uma sociedade possível, que pode ou não acontecer, que possui seus elementos “chovendo”, aleatoriamente, e precisam ser combinados, pela *Fortuna* e pela *Virtú*, para o surgimento de um novo tempo. Não há nenhuma garantia de que o mundo deva ou continuará a ser o que é. O mundo não deve ser assim, está assim, e pode ser transformado. Há aqui uma potente crítica ao conformismo ou ao mero reformismo. Althusser escreve buscando contribuir para uma transformação radical da sociedade e se apoia fortemente em Maquiavel.

#### 4. Considerações finais

Althusser, no Século XX, a partir de Maquiavel, busca construir uma concepção marxista, de um lado, não determinista, onde estrutura e superestrutura não se colocam como mero reflexo uma de outra. De outro lado, buscará combater qualquer tentativa idealista que parta de uma teleologia da realidade, de um idealismo que julgue existir um caminho correto a ser perseguido. Como Maquiavel, se preocupará com a verdade efetiva das coisas.

---

<sup>5</sup> Afirma Gramsci: “A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política” (Gramsci, 2007, p. 21).

Em um momento em que o movimento comunista passava por uma grande crise, em um momento que, como afirma o autor em sua intervenção no colóquio do *Il Manifesto em Veneza* em 1977, ao partir da constatação de que “algo se perdeu” (NEGRI, 1983, p. 1), Althusser não abandona sua opção política. É um intelectual comunista. Entretanto, buscará fortalecer a teoria, tratar o marxismo como ciência e o eliminar de seus elementos idealistas, para alimentar a luta política. Clara fica esta questão, em sua teoria, do primado da transformação social ser a luta de classes. São os atores políticos, no próprio seio das contradições em que estão inseridos, que poderão transformar a realidade.

Como em Maquiavel, a aleatoriedade está presente. Nos parece que para Althusser, a luta política e a teoria se tornam inúteis uma sem a outra. Não há caminho para um agir político cego, como não há caminho para uma teoria política impotente. Como afirma,

Estamos aqui lidando com uma dupla intenção: a intenção de deixar claro o tipo de efetividade a ser esperado da teoria, que é também sujeita às condições de existência da teoria no sistema social; e a intenção de escrever o papel que a teoria ocupa na luta de classes (ALTHUSSER, 1999b, p. 125).

Assim como Maquiavel chamou os cidadãos italianos a uma tarefa que lhe parecia urgente – a consolidação do Estado Nacional Italiano –, Althusser parece nos chamar à tarefa urgente que se colocava no momento em que escreve – segunda metade do século XX –, ainda não superada. É neste sentido que mostra Althusser uma relação na obra de Maquiavel, que interpelando os agentes para a prática política, cria uma relação dupla, onde a teoria e a prática política se transformam (ALTHUSSER, 1999a, p. 32).

## Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. Trad. Mónica G. Zoppi Fontana. *Crítica Marxista*, [s./l.], n. 20, p. 9-48, 2005.

\_\_\_\_\_. *Machiavelli and Us*. Trad. para o inglês Gregory Elliott. Londres: Verso, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Machiavelli's Solitude*. In: *Machiavelli and Us*. Anexo. Trad. para o inglês Gregory Elliott. Londres: Verso, 1999b.

\_\_\_\_\_. O marxismo como teoria 'finita'. Trad. Márcio Bilharinho Naves. *Outubro*, n. 2, 1998. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-2-05.pdf>. Acesso em jan. 2017.

AZEVEDO, Pablo. Maquiavel, ou o mais longo desvio: acontecimento, encontro e materialismo na filosofia do último Althusser. *Cadernos Espinosanos*, n. 25, p. 145-166, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/89435/92291>. Acesso em jan. 2017.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, 2007.

MACHIAVELLI, Nicolò. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe*. Trad. Lívio Xavier. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

MORAES, João Quartim. O materialismo aleatório e a lógica objetiva da evolução. In: *Anais VII Colóquio Internacional Marx Engels* (2012). Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Jo%C3%A3o%20Quartim%20de%20Moraes.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Jo%C3%A3o%20Quartim%20de%20Moraes.pdf) Acesso em jan. 2017.

NEGRI, Antonio. *Pour Althusser*. Notes sur l'évolution de la pensée du dernier Althusser em *Futur Antérieur*. Editions L'Harmattan, 1993, pp. 73-96.

SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Trad. Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SPEER, Ross. The Machiavellian Marxism of Althusser and Gramsci. *Décalages*, vol. 2, iss. 1, 2016. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol2/iss1/7>. Acesso em jan. 2017.

